

SINDICALISMO DOCENTE, EXPERIÊNCIA DE LUTA E APRENDIZAGEM EM DUQUE DE CAXIAS

Marluce Souza de Andrade
PUC-Rio
marluce@hotmai.com

RESUMO

Nesse artigo apresentamos um recorte de uma pesquisa mais ampla que se encontra em andamento, seu objeto nasce em meio às discussões a respeito dos conceitos profissionalização/desprofissionalização. A ideia é investigar a associação de professores ao movimento sindical, buscando a possível influência dessa prática no trabalho docente e nas relações que se estabelecem na escola. Diante de uma literatura que aponta para a complexidade do trabalho docente, isolamento profissional e a desprofissionalização do professor, pretende-se olhar para a associação sindical como uma possível via de construção da identidade profissional. Neste recorte, analisamos os dados elaborados a partir da imersão no campo através de observações e relatos de experiência. Mediante o acompanhamento sistemático da data base 2016 em Duque de Caxias, um dos núcleos mais atuantes do Sindicato dos Profissionais da Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEPE), apresentamos a análise desse contexto ressaltando o protagonismo dos professores, as características da base, do conselho de representantes e da direção, além das possíveis implicações político pedagógicas da participação no movimento sindical.

PALAVRAS CHAVE: sindicalismo docente; formação do professor; trabalho docente

INTRODUÇÃO: Sindicalismo docente no contexto brasileiro

Estudos sobre as organizações e ações coletivas dos profissionais da educação tem demonstrado a importância do sindicalismo para a construção histórica da profissão docente (XAVIER, 2006). No entanto, há a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre como são vividos esses espaços na atualidade.

Tendo em vista, as transformações que a profissão docente vem sofrendo em função de reformas educacionais e mudanças sociais que afetam o status de “ser professor” nos dias hodiernos, assim como as reações de grupos de professores frente à perda crescente de direitos, aumento da pressão sobre o trabalho e declínio da autonomia docente, é importante ampliar o conhecimento sobre as organizações e ações coletivas dos profissionais da educação (VIANNA, 2001).

No Brasil, recentemente alguns movimentos de professores chamaram a atenção da mídia e da opinião pública como o caso da greve das universidades federais Rio de

Janeiro em 2015 agressão aos professores de Santa Catarina em 2014, a grande greve dos professores da Bahia em 2013, e a greve unificada (município e estado) no ano de 2013 no Rio de Janeiro, entre outros. Essas manifestações não podem ser ignoradas, precisam ter suas pautas e fatores desencadeadores analisados para se pensar no atual quadro do magistério e sua mobilização frente a ele.

Portanto, pensando em todas essas transformações sociais e na capacidade de mobilização docente frente ao crescente processo de desprofissionalização, temos como objeto de pesquisa, a influência do sindicalismo na constituição da identidade docente.

Neste artigo, nos ateremos a um recorte dessa pesquisa mais ampla que se encontra em andamento, seu objeto nasce em meio às discussões a respeito dos conceitos profissionalização/desprofissionalização. A ideia é investigar a associação de professores ao movimento sindical, buscando a possível influência dessa prática no trabalho docente e nas relações que se estabelecem na escola. Diante de uma literatura que aponta para a complexidade do trabalho docente (TARDIF e LESSARD 2008; LANTHEAUME 2012), o isolamento profissional e a desprofissionalização do professor (DEMAILLY, 2013), pretende-se olhar para a associação sindical como uma possibilidade de pensar construção da identidade profissional do professor.

Neste trabalho, particularmente, analisamos os dados construídos a partir da imersão no campo através de observações e coleta de relatos de experiência. Mediante o acompanhamento sistemático da data base 2016 no município de Duque de Caxias - RJ, apresentamos a análise desse contexto ressaltando o protagonismo dos professores e as possíveis implicações político pedagógicas da participação no movimento sindical.

1. A pesquisa empírica e seus sujeitos

A pesquisa tem natureza qualitativa, seus referenciais teóricos metodológicos se situam no campo do trabalho docente. O olhar sobre o movimento sindical está direcionado para as influências do pertencimento a esse grupo social nas concepções político-pedagógicas dos professores e nas relações que estabelecem entre si.

Esse objeto requer instrumentos de pesquisa capazes de captar tanto as ações coletivas, quanto a experiência individual dos sujeitos. Portanto, foi viável o uso de observações e relatos de experiências. As observações trouxeram a dimensão da dinâmica vivida pelo grupo, enquanto coletivo de professores – nos encontros, debates, na articulação de estratégias e elaboração de propostas. Enquanto os relatos contribuíram para a compreensão das ações e concepções individuais dos sujeitos frente o movimento sindical, e a articulação dessa participação com concepções pedagógicas.

De acordo com Tura (2003) a busca por metodologias alternativas, que resultem em maior aproximação com a vida social e a análise do ponto de vista dos atores trouxe de volta para o centro da atividade investigativa, a observação dos contextos sociais. O que se pretendeu ao adotar a observação da participação dos professores nas suas reuniões mensais de representantes de escola, assembleias, fóruns, atos, grupos em rede sociais e outros espaços promovidos pelo sindicato, foi compreender sua atuação nesse contexto social, apreendendo a dimensão formativa dos diferentes espaços e tempos organizados pelo movimento sindical.

A autora nos alerta para as questões que envolvem a objetividade e subjetividade do pesquisador durante o processo de observação. Ela sugere que o pesquisador não se iluda em procurar eliminar os efeitos de sua presença no campo de investigação, mas que busque entendê-los. Seguindo este conselho, é válido destacar minha atuação como professora da rede municipal de Duque de Caxias, onde foi realizada a pesquisa, e membro do conselho de representantes de escolas no sindicato. Fato que foi considerado ao longo da pesquisa, sobretudo na realização das observações e escuta de relatos de experiência. O exercício do “*estranhamento*” do familiar é um esforço constante para o êxito da pesquisa. Para Velho (1978, p. 131) “*o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações*”. De certo modo, a trajetória de participação no sindicato, favoreceu a entrada no campo e minimizou os incômodos dos sujeitos da pesquisa ao serem observados.

Foi construída uma pauta de observação, sendo alterada à medida que novas descobertas se seguiram. Essa pauta foi um balizador, que direcionou o olhar para o

foco da pesquisa, sem, contudo, impedir a emergência de novos sentidos não percebidos anteriormente.

Entendendo a importância de permanência no campo de pesquisa (TURA, 2003, SORRENTINO, 2015) as observações e análises dos relatos foram realizadas ao longo de um ano, em todas as reuniões ordinárias e extraordinárias do conselho de representantes, grupos oficiais do sindicato nas redes sociais, assembleias e atos da categoria, e especialmente durante a “data base 2016”¹.

A pesquisa foi realizada no município de Duque de Caxias, situado na Baixada Fluminense, uma região do estado do Rio de Janeiro. Vizinho a capital, Duque de Caxias é um dos municípios mais antigos da região, possui posição de destaque por ser a segunda maior economia do estado. Uma cidade repleta de desigualdades, onde a riqueza produzida por seu próspero comércio e indústria, contrasta com a pobreza de sua população, que enfrenta graves problemas na área da educação, habitação e saúde (TENREIRO, 2015). Com um quantitativo de 62.928 alunos matriculados na escola e com 2430 professores em sua rede municipal a cidade possui um histórico de lutas e reivindicações que remontam a sua emancipação em meados do século XX (SOUZA, 2014).

Na história da educação do município, antes mesmo de sua emancipação, constam relatos significativos como a experiência da Escola Regional do Meriti, dirigida por Armanda Álvaro Alberto, tinha um projeto educativo ativo e pioneiro na distribuição de merenda escolar como medida de permanência da população carente atendida. Além da articulação com artistas e intelectuais que contribuíram para seu projeto educativo. (LAZARONI, 2010).

Contudo, atualmente as condições estruturais da rede de ensino em Duque de Caxias são muito diversas, de aproveitamento de prédios construídos sem finalidade escolar às arquiteturas que marcam um determinado governo. Faltam condições mínimas de segurança e trabalho. Tão pouco são cumpridas as exigências estruturais

¹ Período estipulado por lei para a negociação salarial anual.

para a aprendizagem das crianças, salas minúsculas, ambientes inadequados à refeição, mobiliário inadequado para a idade.

A remuneração dos professores vem sofrendo achatamento a cada ano, pois não há reajuste real há 10 anos. Ou seja, o poder de compra dos profissionais da educação de Caxias diminuiu nos últimos anos, embora, devido ao plano de carreira, o salário do professor caxiense ainda seja considerado alto em comparação com outros municípios do estado, inclusive da capital.

Do ponto de vista da formação, chama a atenção, o nível de qualificação acadêmica dos professores. Especialistas, mestres e doutores figuram nos quadros de profissionais dessa rede de ensino. No entanto, os resultados dos alunos nas avaliações externas não são bons. Isso tanto pode ser atribuído às precárias condições de ensino e aprendizagem já citadas anteriormente, quanto ao posicionamento politicamente contrário às avaliações externas pelos profissionais da educação, que não veem sentido em uma testagem única e pré-elaborada diante das peculiaridades do município.

Assim, destoando dos demais municípios de sua região, Duque de Caxias ganha destaque pela sua organização e movimentação docente, sendo o seu núcleo, um dos mais ativos do Sindicato Estadual de Educação -SEPE (SILVA, 2012).

Atualmente, o SEPE é dirigido por um colegiado que é composto por 48 membros, distribuído por coordenações e secretarias. Cada núcleo ou regional do SEPE goza de autonomia política e sindical, desde que não contrariem o estatuto do SEPE Central e as deliberações de Congresso, Assembleia Geral, Conselho Deliberativo e Conferência. Todos os núcleos possuem uma direção colegiada e um conselho de representantes das escolas, com caráter consultivo e deliberativo.

O núcleo sindical de Duque de Caxias foi fundado oficialmente em 1990, porém com histórico de organizações de lutas desde 1979. De acordo com sua direção, possui hoje cerca de 2.880 filiados, entre ativos e inativos. É um dos núcleos mais bem-sucedidos no estado do Rio de Janeiro, com conquistas no plano de carreira que o diferenciam dos demais. Os sujeitos da pesquisa foram os professores filiados a esse

núcleo, os quais participaram do processo de construção da última greve municipal dos profissionais da educação.

A seguir apresentaremos as três principais instâncias participativas do núcleo sindical de Duque de Caxias, a base sindical, o conselho de representantes e a direção colegiada, analisando-as de acordo com suas particularidades e refletindo sobre a relação entre elas.

1.1 A base sindical

Ao conjunto de profissionais da educação ligados a um sindicato costuma-se, chamar “base da categoria”. Na rede municipal de Duque de Caxias pertencem a essa base todos os 2.880 filiados ao SEPE. Ao longo da pesquisa observamos determinadas características de grupo as quais destacaremos a seguir.

A primeira característica é a diversidade do grupo em diversos aspectos, profissionais, geracionais ou funcionais. Dentro dessa pluralidade, chama a atenção os diferentes níveis de compromisso com a organização sindical. Há um grupo que se destaca por sua atuação constantemente participativa e presença massiva nas reuniões e atos públicos promovidos pelo sindicato. Em contrapartida também é possível identificar aqueles cuja a participação está limitada às assembleias ou nem isso. Essa entre outras questões é motivo de bastante divergência entre o grupo, especialmente aqueles que se dedicam ao movimento passando por bastante desgaste físico e emocional ao se exporem nas ruas diante daqueles que apenas esperam para ver os resultados sem muito envolvimento.

Obviamente que não existe uma polarização entorno da militância. As nuances entre os níveis de participação são infindas e estão sujeitas a diversos fatores não apenas profissionais ou políticos, mas familiares, físicos e psicológicos. Não foram raros os depoimentos de pessoas com uma trajetória combativa que estiveram impossibilitados de participar da luta na data base deste ano. Havia ainda aqueles cujas escolas eram indiferentes a toda movimentação grevista, fazendo-os assim, passar por constrangimentos ao aderirem ao movimento sozinhos.

Por essas e outras questões, a presença dos membros da base é inconstante, seja em atos e ou assembleias. Essa alternância faz com que os atos nunca estejam vazios, mas também nunca estejam plenos de todos os filiados. Segundo a análise dos próprios membros da base e seus representantes nas assembleias, isso se dá tanto por razões práticas, tais como a dificuldade de conciliação de carga horária com outro município ou instituição² quanto por razões de baixa politização, e falta de compreensão da importância de cada um no movimento. Essa rotatividade, gera conflitos entre os membros da base acarretando indisposições entre pares levadas muitas vezes até a escola.

A base é fundamental para qualquer ação sindical, especialmente as negociações e atos públicos. O nível de adesão é a todo tempo monitorado pelo governo, assim como pelo sindicato, como uma medida para a correlação de forças. Um ato esvaziado significa um “tiro no pé”, onde a categoria prejudica a si própria em uma demonstração de desmobilização. Já uma manifestação repleta de docentes, consegue atrair a atenção dos transeuntes, dando repercussão às suas pautas.

Além das questões relativas à participação nos atos e assembleias, há ainda outras relações conflituosas que se estabelecem na base da categoria. Na discussão de assuntos polêmicos, definição de encaminhamentos de continuidade ou não de greve ou acerca de radicalização das ações dificilmente se consegue total coesão da base. Isso se reflete especialmente nas assembleias, com a formação de grupos divergentes entre si, uns que apoiam a direção sindical, composto por pessoas que observavam suas orientações e referendam quase todos os encaminhamentos dos diretores e conselheiros representantes de escola; e outros que apresentam tendências mais críticas, levantando questionamento se contrapondo às decisões e discordando da forma como as discussões são conduzidas. Há ainda um conjunto de professores que trazem à luta o viés político, relacionando cada ação do movimento sindical no município a um contexto mais amplo de luta pela educação no Brasil e no mundo os quais costumam se contrapor aos mais “pragmáticos”, que visam a resolução imediata dos problemas, focando na urgência das condições objetivas de trabalho e salário em Duque de Caxias.

² No Brasil, entre outros fatores, a dupla jornada é bastante praticada pelos professores devido aos baixos salários, a propícia carga horária de 20 horas semanais e a permissão legal de acúmulo de dois cargos públicos.

Tanto a rotatividade da participação, quanto a existência das relações conflituosas e formação de grupos divergentes dentro do movimento sindical em Duque de Caxias, demonstram o quão complexa é a organização docente e a dificuldade de se construir um movimento de base.

1.2 O conselho de representantes

Na organização docente em Duque de Caxias, a atuação do conselho de representantes de escola se destaca, especialmente porque esse colegiado realiza a articulação entre o sindicato e as unidades escolares. É do conselho que partem as principais informações sobre as escolas e também são analisadas coletivamente as ações da secretaria de educação. Nesse espaço, divide-se as angústias do cotidiano escolar e elabora-se propostas de enfrentamento das mesmas.

Esse movimento de construção coletiva e troca de informações amplia os horizontes de seus participantes, de modo que se constitui também em um espaço de formação político-pedagógica para seus membros. Muito provavelmente por isso, nesse coletivo encontra-se parte significativa dos profissionais mais mobilizados da rede. Primeiro porque são eleitos por seus pares para representá-los, segundo porque se fortalecem no grupo e em geral, transmitem esse revigoramento àqueles cujo contato com os pares é restrito à unidade escolar.

Antes de cada assembleia, o conselho se reúne e constrói uma pauta a ser debatida na plenária. Ainda que a assembleia seja soberana sobre o conselho, a pauta e propostas deste costuma ser acatada pela maioria dos presentes nas assembleias respaldando ou aprimorando suas ideias. Assim, o conselho se mostra um lugar estratégico para o debate e a tomada de direção do movimento sindical docente no município.

O conselho de representantes se reúne mensalmente, excetuando o período chamado data-base, quando se dão as negociações em torno do reajuste salarial. Nesse período, os profissionais se concentram com maior frequência, a fim de incluírem na pauta questões pedagógicas, estruturais e administrativas para além das demandas

salariais. Em período de greve, acontecem sucessivos encontros para informes, elaboração coletiva de estratégias de pressão e avaliação do movimento.

Entendendo que a formação do professor é permanente e que se dá para além das instituições oficiais de formação de professores, mas entre pares, esses encontros são do ponto de vista pedagógico um momento de reflexão e aprendizagem compartilhada dos objetivos da docência e de construção da identidade profissional à medida que se travam debates sobre o que somos, o que representamos e o que queremos para a educação da cidade. Para LELIS e XAVIER (2009), *“a vinculação a uma entidade associativa – seja de caráter sindical ou profissional – tem sido reconhecida como uma estratégia importante para ampliar os espaços de sociabilidade e de negociação identitária dos professores.”*

Essa troca, se estende também para os momentos de assembleia, onde o professor tem a oportunidade de dialogar com seus pares, construir argumentação e contra-argumentações em torno de sua vida profissional, entendendo-se como sujeito de direitos e pertencente a uma categoria cujos dilemas e concepções são partilhados coletivamente.

Tudo isso, ocorre na contra-mão da tendência ao isolamento docente e da perda de sua autonomia. Dificilmente um professor, individualmente conseguiria lutar contra qualquer uma dessas circunstâncias que vêm se impondo à profissão docente, mas em coletividade, é possível resgatar a dignidade da profissão e demonstrar que a capacidade de organização dos docentes pode romper com algumas das mazelas que dificultam o exercício da docência nos dias atuais.

1.3 A liderança

A diretorias dos núcleos sindicais ligados ao SEPE são eleitas a cada três anos por voto direto e secreto, compostas por no mínimo 5 e no máximo 48 membros devem estruturar-se de maneira colegiada. No caso de Duque de Caxias, o colegiado é constituído por 31 membros divididos em uma coordenação geral e nove secretarias, a saber: assuntos ligados aos funcionários administrativos; cultura, formação sindical e

assuntos educacionais; assuntos relacionados aos aposentados; assuntos jurídicos; comunicação; saúde e direitos humanos; finanças; gênero e combate a homofobia; combate à discriminação racial.

Cada secretaria tem atribuição definida em estatuto, mas na prática, a atuação mais ativa em diversas frentes por parte de alguns membros em detrimento de outros menos atuantes, traz pouca clareza quanto a atribuição das funções de cada diretor. Muito provavelmente pelo fato de só serem concedidas 10 licenças sindicais, isto é, parte do colegiado, não se encontra afastada das atividades letivas, e por isso, precisa dividir seu tempo entre a escola e o sindicato além dos seus afazeres cotidianos.

Observando a composição do grupo de direção sindical algumas características nos chamam atenção. É um grupo bastante heterogêneo no que diz respeito ao aspecto geracional e também profissional. As idades regulam entre 30 e 65 anos. Há tanto professores iniciantes – com até 5 anos de experiência profissional – quanto professores com mais de 5 anos de aposentadoria, militando ativamente. Do ponto de vista profissional, estão representados, professores generalistas e especialistas, profissionais do ensino fundamental regular, educação de jovens e adultos, educação infantil, educação especial e funcionários administrativos.

Possivelmente por essa representatividade, na experiência duque-caxiense, a liderança é visivelmente forte, pois possui uma capacidade de diálogo grande com a base da categoria e exerce influência considerável sobre os filiados, não sem deixar-se influenciar pelos mesmos também. Nas observações o que percebemos foi a tentativa de uma relação dialógica, onde o passo-a-passo do movimento é construído coletivamente. É óbvio, que foram notados alguns atropelos nesse percurso. O exercício da fala pela “mesa” – diretores sindicais que conduzem as assembleias – pareceu ser bastante complexo. Muitas vezes, a mesa precisou interromper o andamento da plenária para esclarecer o procedimento acordado para a ordem das falas, encaminhamentos e recursos a votações. Em alguns casos de discordância a falas de natureza provocativa, a mesa se colocou abruptamente, demonstrando a presença de conflitos latentes. No entanto, sobressaiu a busca pelo exercício da democracia, sobretudo, através do sistema de representação das escolas por profissionais da educação de cada unidade.

2. Ações formativas no âmbito sindical

Dentro do conjunto de atividades desenvolvidas pelo núcleo Duque de Caxias notou-se que alguns espaços possuem um potencial significativamente formativo, onde é possível identificar uma participação mais ativa dos professores.

Chamamos de ações/espços formativos, aqueles onde foi percebido, durante as observações, objetivos educativos ou ampliação do conhecimento dos seus participantes com potencial de transformação da prática docente.

Embora nem todas as ações formativas do SEPE sejam institucionalizadas (LÉLIS; XAVIER, 2009), ou seja, pensadas com finalidade formativa, elas se revelaram diversificadas e constantes sendo organizadas à medida que surgiam demandas novas para a categoria.

Foram identificados seis tipos de ações/espços formativos no período observado: seminários, grupos de trabalho (GT), debates, atos, assembleias, e conselhos de representantes de escolas (CR), sendo apenas este último de caráter sistemático. O quadro 1 descreve a dinâmica de cada uma das ações e o público a quem ela se destina.

Quadro 1. Dinâmica e abrangência das ações formativas observadas no SEPE/Duque de Caxias.

Ações formativas	Dinâmica	Abrangência
Assembleia	Reuniões onde são tratadas questões salariais, estruturais, e pedagógicas da rede.	Todos os professores da rede.
Atos	Manifestação pública em prol de determinada questão emergencial	Todos os professores da rede e comunidade escolar.
CR	Reuniões mensais para discussão e troca de informações sobre as questões laborais, pedagógicas e estruturais da rede.	Professores da rede eleitos por seus pares, representantes de sua unidade escolar.
Debates	Discussão sobre temas polêmicos, onde há divergências ou dúvidas a	Professores da rede municipal e/ou comunidade escolar.

	serem esclarecidas.	
GT	Estudo aprofundado sobre questões específicas.	Grupo de professores voluntários.
Seminários	Palestras e debates com especialistas em determinado campo do conhecimento.	Professores da rede de ensino interessados na temática abordada.

Os CRs e as assembleias fazem parte da estrutura organizativa do sindicato definidas previamente pelo estatuto do SEPE (2008). Foram consideradas ações formativas por propiciarem a socialização de conhecimentos, espaço para o professor expor e refletir sobre as questões pedagógicas, laborais e estruturais que afetam seu trabalho em sala de aula. Também é válido destacar que essas duas instâncias são deliberativas, ou seja, seus membros têm poder decisório sobre as ações, propiciando o exercício do protagonismo docente que há muito vem perdendo seu espaço. (SARTI, 2012).

Conforme o estatuto do SEPE (2008, Art. 61), cada unidade escolar pode eleger representantes, obedecendo à seguinte proporção: I - a unidade escolar com até 50 (cinquenta) servidores elegerá um representante; II - as unidades escolares com mais de 50 (cinquenta) servidores elegem um representante para cada 50 (cinquenta) ou fração superior a 25 (vinte e cinco) servidores; e III - as unidades que elegerem mais de um representante deverão distribuí-los pelos diversos turnos. As reuniões do conselho de representantes de escolas ocorrem mensalmente, salvo outras necessidades como em período de data base. O representante recebe abono de falta para que possa comparecer à reunião.

Portanto, essa é uma instância bastante representativa dos professores sindicalizados do município, já que abrange a diversidade dos quatro distritos que o compõe. Além de ser constituído por um grupo de professores que, em menor ou maior grau, possuem uma participação sindical ativa, pois sabemos que nem todos os filiados são necessariamente atuantes. De acordo com um dos diretores do núcleo, o conselho de representantes tem mais poder que a direção do sindicato, segundo ele, *“o nosso desafio é fazer com que todas as 178 escolas tenham um representante. [...] Esse conselho é formativo. Espaço de discutir tanto a rede, quanto algo do cenário*

educacional. ” Para ele, o representante é o “diretor de base”, a ponte entre o SEPE e as escolas.

Além dos conselhos de representantes há outro importante espaço que vem se constituindo recentemente no SEPE Caxias, são as comissões de cunho específico para tratar de questões peculiares a determinados segmentos, como educação especial, educação infantil e educação de jovens de adultos³. Esses espaços foram criados em 2015 a partir de demandas específicas vindas do Conselho Municipal de Educação, onde há a presença de um membro representante do SEPE Duque de Caxias. Desde então tem se criado grupos de trabalho de voluntários, comissões, conselhos extraordinários e seminários acerca dessas demandas – questões urgentes, de grande importância para a melhoria das condições de trabalho docente, mas cercadas de divergências com o governo, como a gestão democrática nas escolas e a implementação da Lei Federal nº 11.738/2008, sobre o piso salarial que previa 1/3 da carga horária para atividades extraclasse, e etc.

Os atos foram incluídos como ações formativas, não apenas do professor, mas também da população. Nos atos, em geral realizados na rua, o professor se vê próximo à sua clientela, entendendo que seus alunos são apenas parcela da população atingida por seu trabalho (TARDIF; LESSARD, 2014). Na rua, o professor tenta sensibilizar o público sobre a importância do seu trabalho, e dar notoriedade a suas causas – portanto, esse é um exercício de construção de identidade “para si” e “para o outro”. (DUBAR, 2005)

Observando o quadro 1 é possível notar, que nem todas as ações em destaque abrangem a totalidade de professores da rede. Nessas ações mais restritas, como GTs e conselho de representantes foi observado um nível maior de reflexão entre pares e aprofundamento do conteúdo das discussões e propostas. O nível de engajamento do grupo parece ser maior que o da categoria como um todo.

Os seminários, debates e assembleias são abertos a um quantitativo maior de professores, contudo há proporcionalmente menos espaço para que todos possam se colocar, havendo assim, a predominância de determinados grupos e pessoas que dominam a palavra com recorrência. Muito embora, seja também importantes espaços

³ É válido destacar o advento do uso das redes sociais para a criação e rápida comunicação entre os membros dessas comissões.

de aprendizagem da prática sindical com possível repercussão na prática docente. Pois, de acordo com um dos diretores sindicais, mais que espaços específicos, “ a luta é formativa”. Enfim, todas essas ações/espaços, ocupados por representantes, diretores sindicais e demais filiados, são potencialmente formativas.

3. Características, conquistas e frustrações da data base 2016

Em 2016, a data base teve como características a reivindicação de condições estruturais de trabalho; busca pela aproximação com as famílias dos alunos; o intenso movimento nas ruas; a construção de estratégias de subdivisão do grupo; criatividade, humor e ironia como forma de luta; uso das mídias e redes sociais; e o espaço para reflexão.

A reivindicação pelas condições estruturais de trabalho passa pela compreensão de que o espaço pedagógico disponibilizado pelo governo é revelador do seu projeto de sociedade, sobretudo em uma cidade cujo o PIB é o segundo do Estado e as 178 escolas que compõem a rede municipal de ensino carecem de um padrão estrutural de qualidade, reformas e manutenção básica de suas instalações. Nos cartazes e banners dispostos nos atos em praça pública constavam fotografias das escolas abandonadas pelo poder público com denúncias sobre a falta de reformas, calor excessivo, e precárias condições de segurança e higiene.

Com essa bandeira, o movimento se aproximou bastante da comunidade escolar, sendo perceptível nas palavras de apoio proferidas por pais de alunos que se fizeram presentes nas assembleias dos professores e até mesmo em atos na porta da secretaria de educação e em praça pública. A aproximação com as famílias, foi pensada estrategicamente nos conselhos de representantes. Reunião de pais e panfletagem nas feiras aos domingos são exemplos de atividades promovidas pelo sindicato no intuito de ampliar o diálogo, ganhar apoio e visibilidade à greve.

Atos descentralizados e simultâneos ocorreram com a ajuda de alguns responsáveis pelos alunos e com a estratégia de subdivisão do grupo. Foi o que apareceu na fala desse diretor que realizou um ato na porta da prefeitura juntamente com membros de sua comunidade escolar: *“Na última segunda, minha escola fez um ato na prefeitura para entregar nosso abaixo-assinado sobre a situação da escola. Eu dois*

professores, três mães e um aluno fomos recebidos pelo secretário de governo. [...] hoje já recebemos respostas” (Prof. G).

Mas, houve também relatos de incompreensão por parte dos responsáveis em relação à greve: *“É lamentável! Infelizmente eles [os responsáveis] acham que a greve é nossa e que só fazemos para ter melhores salários. Ontem e hoje recebi aluno sem lápis e sem caderno...”* (Prof. H.). Apoio e rechaço, além de indiferença surgiram nas falas dos professores em relação às comunidades onde atuavam, isso nos mostra a complexidade da opinião pública sobre o movimento sindical docente. Por isso, muitas análises feitas pelos conselheiros sugeriam a necessidade constante de, mesmo em greve, estar sempre retornando às escolas e dando satisfação aos pais, que em geral dependem da escola não só para a educação do seu filho, mas também para a guarda durante sua jornada de trabalho.

Durante os 22 dias de greve, o calendário de mobilização era pensado no conselho de representantes, aprovado e/ou modificado pela assembleia de professores. Costuma-se estabelecer as ações para pelo menos três dias subsequentes, na expectativa que fosse marcada uma nova audiência, deixava-se estabelecida previamente uma nova assembleia. Foi um período intenso de trabalho, onde era comum ter agendadas três atividades por dia. Para isso, o grupo precisou se distribuir, e aumentar a intensidade de sua presença, já que a divisão implicava em um menor quantitativo de pessoas em cada ato.

Com muita criatividade, foram utilizados instrumentos musicais, carro de som, apitos e paródias e brincadeira para chamar atenção dos transeuntes, incomodar os governantes e deixar aquele momento tenso de reivindicação contra a precariedade das condições de trabalho, o mais leve possível. A criatividade, humor e a ironia foram características marcantes do grupo, que a cada ato propunha algo novo para o movimento.

Em síntese, a intensidade do movimento e a disponibilidade para a luta aproximaram o grupo de tal forma que viu-se criar laços de amizade, solidariedade e companheirismo para além da data base. Colegas que não haviam trabalhado juntos passaram a se conhecer e lutar ombro-a-ombro. Grupos de ajuda se formaram no auxílio a colegas que passavam por problemas em suas escolas, sobretudo os que aderiram sozinhos à greve, enquanto sua escola permanecia indiferente a todo esse movimento.

Quando a greve estava perto do fim, estabeleceu-se conselhos para pensar a questão do replanejamento dos conteúdos. Esses conselhos, se constituíram em verdadeiros espaços de reflexão sobre a docência e suas finalidades. Opiniões diversas se contrapunham, grande embates e dificuldades de se chegar a um consenso, demonstravam a necessidade de mais encontros como aqueles, onde se pudesse pensar o lugar do professor na responsabilidade pela garantia de uma educação de qualidade, onde se refletisse nas condições em que essa educação deveria acontecer e a proximidade dos profissionais da educação com a comunidade escolar. Esses debates, embora não findados foram um excelente fechamento para o período de data base, a pesar de todo o cansaço visível em cada rosto dos que participaram ativamente dessa luta, as discussões davam novo ânimo e propiciavam a construção coletiva de concepções político pedagógicas ao grupo.

“Estou muito feliz com o resultado da greve deste ano. Não conseguimos o que queríamos, mas nunca conseguimos tudo de uma vez mesmo. Teve muita luta com alguns colegas que resolveram não fazer greve. Isso preocupa. Entretanto, ver os colegas que chegaram com gás total foi maravilhoso. Negociar com um grupo de pessoas que são avessas ao diálogo não é para qualquer um. Ver o grupo amadurecer para discussões que vão muito além do aumento salarial foi um ganho enorme. Sentir que todos somos sindicato em cada momento foi lindo [...]. Amanhã retornarei com muito gás para a escola. Tenho orgulho de ser de Caxias. Se tiver que pagar 22 dias pagarei rindo. Se for menos terei a mesma força, sendo 14, 17.... Não importa. Muito obrigado a todos. Todos os anos aprendo muito com vocês. A luta agora é política.” (Prof. C.)

Ainda assim, persistiram alguns relatos de frustrações pelo que não foi conquistado. A frustração de profissionais de nova carreira, como o de informática educativa que não foram enquadrados no plano de carreira do magistério. Nesse empasse, foi fundamental o diálogo nos mais antigos para os novos concursados, mediando a ansiedade e explicitando que a luta é árdua e contínua: *“As conquistas são gradativas e nem sempre nos contemplam diretamente. De vez em quando levamos rasteiras, mas outro companheiro vem e nos levanta. O importante é seguir!”* (Prof. K)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de uma imersão no movimento sindical docente de Duque de Caxias em um período chamado de data base, se tentou captar o potencial formativo do

sindicalismo docente. Foram destaques o sistema de representação por escolas, os conflitos e a aproximação com a comunidade escolar, e a criatividade do grupo. Tudo isso, em um exercício da construção da coletividade.

É perceptível que os espaços de troca entre pares vêm se extinguindo dentro da escola. Dupla jornada, sobrecarga de trabalho, recreios desencontrados, formação à distância são apenas alguns fatores que inviabilizam o encontro entre os professores, de modo que o isolamento cresce minimizando o desenvolvimento do processo de escuta do outro, criação de vínculos profissionais e afetivos entre os profissionais que trabalham na escola. Nesse contexto a dimensão coletiva fica prejudicada, o individualismo dificulta o sentimento de pertença a uma categoria profissional que vem sendo marcada pela fragmentação. Isso fica presente na fala de uma professora, ex-diretora do sindical:

“A consciência de classe é muito difícil de ser construída, pois a sociedade em que vivemos, procura de forma consciente desenvolver na classe trabalhadora, valores que justamente nos impede de adquirirmos a consciência de classe. Por isso, a greve é tão cara, pois com ela aprendemos coisas que normalmente nunca conseguiríamos. Por isso dizemos que a greve é a escola do trabalhador” (Prof. V)

Nesse contexto, o sindicato se constitui um raro espaço de articulação entre profissionais da educação. Portanto, a organização docente sob a forma sindical é um importante campo de estudos para a compreensão da profissão docente na atualidade. A perpetuação do associativismo sindical a despeito da crise de organizações desse tipo nos leva a pensar na formação docente para além dos espaços oficiais de formação inicial e continuada.

Por isso, é importante valorizar o potencial de instâncias organizativas geridas coletivamente por professores. Pois, a formação do professor não se limita aos bancos das universidades, o professor e seus representantes sindicais têm potencial para organizar-se em torno das questões que lhes angustiam e que lhes são colocadas diariamente pela urgência de seu ofício.

Em maior ou menor medida, assembleias, atos, conselhos de representantes, grupos de trabalho, debates e seminários são ações onde a formação do professor se dá pela participação efetiva e a partir de questões que verdadeiramente o mobilizam. Portanto, é importante valorizar esses espaços como forma destacar a capacidade de os professores serem os artesãos de sua própria profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMAILLY, Lise. Crise, réajustements identitaires et déprofessionnalisation dans les métiers de l'éducation. In: **Recherche & Formation**, n.74, p.115-126, 2013

DUBAR, C. **A Socialização**: Construção das Identidades Sociais e Profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LANTHEAUME, Françoise. Professores e dificuldades do ofício: preservação e reconstrução da dignidade profissional. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo v.42 n. 146 p. 368-387, maio/ago, 2012

LAZARONI, Dalva. **Mate com Angu**: a história de Armanda Álvaro Alberto. São Paulo: Editora Europa, 2010

LELIS, Isabel; XAVIER, Libânia Nacif. O Ofício docente na voz de sua lideranças sindicais. In: LÉLIS, I.; NASCIMENTO, M. G. **O trabalho docente no século XXI**: quais perspectivas? Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2009.

SARTI, Flavia Medeiros. O triângulo da formação docente: seus jogadores e configurações. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, n.29, p. 152-174, jan./abr. 2012,

SEPE. **Estatuto do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro**, SEPE RJ: 2008

SILVA, Andréa Cristina Oliveira Duarte de Souza S. da. **Caminhos do Sindicalismo**: trajetória de vida de professores do SEPE/Baixada Fluminense. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012, 116f.

SOUZA, MarluCIA Santos. **Escavando o passado da cidade**: história política da cidade de Duque de Caxias, RJ: APPH-CLIO, 2014

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O ofício do professor**: história, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira. (orgs). **Itinerários de pesquisa**: Perspectivas qualitativas em sociologia da educação. 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011

TENREIRO, André (org). **Duque de Caxias**: a geografia de um espaço desigual. Nova Iguaçu, RJ: Ed. Entorno, 2015

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira – A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VIANNA, Cláudia. A produção acadêmica sobre organização docente: Ação coletiva e relações de Gênero. **Educação e Sociedade**, ano XXII, nº77, p.100-130, dezembro/2001

XAVIER, Libânia Nacif. **Associativismo docente e construção democrática**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013